

# **PSICOLOGIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS PARADAS LGBT DE SÃO PAULO E CAMPINAS**

Fábio Ortolano\*

Recebido: 21 mar. 2013

Aprovado: 20 maio 2013

\* Mestrando em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo – USP. Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de São Carlos. Pesquisador do grupo de estudos em Psicologia Política, Políticas Públicas e Multiculturalismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades - USP. São Paulo, SP - Brasil. E-mail: fabio.ortolano@usp.br

Resumo: Tendo em vista que os movimentos sociais são constituídos a partir da adesão particular na construção de uma consciência política coletiva, apontamos as influências dos contextos internos e externos que se dão no cotidiano, as quais delimitarão as ações coletivas, estas compostas tanto pelas subjetividades individuais e pelas conjunturas sociais que as rodeiam. Refletir sobre a psicologia dos movimentos sociais remete-nos a pensar em todas as consciências, individuais e coletivas, que compreendem os movimentos, a partir de sujeitos que, individualmente e em coletivo, os produz. As paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais são constituídas a partir de diversos contextos e por indivíduos que trazem suas escolhas e sentidos de si, bem como os significados construídos coletivamente, que influenciam a relação entre eles e as ações presentes no movimento.

Palavras-chave: Paradas LGBT. Psicologia dos movimentos sociais. Consciência política.

## **PSYCHOLOGY OF SOCIAL MOVEMENTS AND LGBT PRIDE PARADES OF SÃO PAULO AND CAMPINAS**

Abstract: Social movements are constituted from support individual and the construction of a collective political consciousness. The internal and external contexts of quotidian influence and restrict collective actions, those composed by individual subjectivities and the social conjunctures. Reflect about the psychology of social movements brings us to think of all consciousness, individual and collective from individuals who, individually and collectively, produces them. The Lesbian, Gay, Bisexual, Transvestite and Transsexual Pride Parades are made from different contexts and for individuals who bring their choices and sense of yourself and the meanings constructed collectively influencing the relationship between them and the actions of social movements.

Key words: LGBT Pride Parades. Psychology of social movements. Political consciousness.

## INTRODUÇÃO

Considerando a ascensão e visibilidade de movimentos sociais na contemporaneidade, julgamos importante a análise de elementos subjetivos presentes nas ações coletivas, tais como consciência política, motivações, contágio emocional, etc. Autores como Cantril (1969), Cadarso (2001) e Tilly (2010) nos trazem alguns conceitos básicos para compreensão de uma psicologia dos movimentos sociais.

Cantril (1969) nos fala das motivações da vida social, uma vez que os sujeitos em coletivos e sociedades passam a orientar seus desejos e interesses a partir de suas ações no meio em que estão imersos. Para ele a interiorização de normas e da cultura não ocorre da mesma forma para qualquer sujeito, haja vista que pessoas de perfis diferentes apresentam ideias correspondentes, semelhantes e também dissociadas. Ainda que observemos uma uniformidade em transmitir a cultura de uma geração para outra, pontua o autor, o sujeito é um agente seletivo, em que a interiorização de normas é inconsciente, pessoal e subjetiva, sob influência da personalidade, da educação e dos contextos de cada um. Assim, discorre sobre o processo de cristalização dos valores sociais nos indivíduos, os quais obtêm informações, dados e referências que conforme as crenças e ritos são determinantes para toda a vida do sujeito. Define que padrões culturais são interiorizados pelos sujeitos atendendo as subjetividades pessoais e os objetivos de uma cultura. Quanto às motivações na vida social o autor pondera que podem advir de diversas ordens, desde necessidades básicas e pulsões essenciais, como a fome e o desejo sexual, até elementos mais complexos como a constituição do ego e da auto-estima, dizem também de uma busca por sentido, a qual advém da organização das experiências da vida (CANTRIL, 1969). Certamente, tais motivações, seleções de normas e busca por sentido por parte de cada sujeito influenciam na dinâmica e construção de movimentos sociais.

Para Cadarso (2001) os movimentos sociais originam-se de conflitos entre grupos dominantes e dominados. Relata que desde o fim do século XIX, novos enfoques como a teoria do contágio emocional, representaram abordagens psicológicas ao entendimento e estudo dos comportamentos das massas e dos movimentos. Defende como as principais teorias sobre para os conflitos sociais: o marxismo, para o qual as causas do conflito se dão a partir das lutas de classe; o funcionalismo, em que a sociedade é uma estrutura integrada de instituições-fins e os conflitos

uma traição aos interesses coletivos; as teorias “vulcânicas”, as quais entendem os conflitos como explosões oriundas de tensões-limite no social, provocadas por questões sócio-econômicas, políticas ou psicológicas e as novas teorias do conflito social, que se produzem sob diversas áreas como a sociologia, antropologia, ciência política, história, etc. e trabalham com conjecturas, oportunidades políticas, mobilização de recursos, entre outros temas. O autor organiza uma classificação tipológica, apontando como os principais conflitos aqueles vivenciados no seio das elites (luta de castas pelo poder e influência política), os populares (rebelião de escravos e camponeses), os comunitários e societários (movimentos nacionalistas e fundamentalistas), as revoluções (quando há um contraprojeto social), as guerras (relações diplomáticas), os comportamentos anônimos (suicídio), os conflitos da esfera privada (conflito de geração), os contrasociedades agressivas (máfias) e os novos movimentos sociais (feminista, de tribos urbanas). Para ele a mobilização de tais movimentos se dá a partir de variáveis como a organização, a dimensão tática, a capacidade organizativa, a liderança, a composição social do grupo, a estratégia, etc. Assim, nos parece importante realçar a multiplicidade de formatos que o autor nos traz para os conflitos e movimentos sociais, estes enquanto produtos de ações coletivas e individuais, atravessados por questões subjetivas como formas de persuasão dos líderes, interesses pessoais em jogo, capacidade de integração individual a um coletivo, etc.

Tilly (2010) relata que desde sua aparição no século XVIII, os movimentos sociais emanam de um contexto político determinado. O autor baseia-se num conceito de que os “movimentos sociais são organizações globais formadas por diferentes grupos de interesses (tradução nossa)”. (Harare Dayly News, 2002 apud TILLY, 2010, p. 17). Para ele aos finais do século XVIII surge nos países ocidentais uma nova forma de fazer política massivamente a partir de um constructo político que abarca três elementos: 1) Campanha, um esforço público, organizado e sustentado para transpassar as autoridades associadas a reivindicações; 2) Repertório do movimento social, uso combinado de algumas formas de ação política e 3) Demonstrações de WUNC (Valor, Unidade, Número e Compromisso). Considera que os processos interativos, a comunicação e a colaboração facilitam sua adoção por parte de outros contextos relacionados. Para o autor a difusão e internacionalização dos movimentos sociais se aceleraram extraordinariamente no século XX, pois antes se concentravam no eixo Europa

Ocidental - Estados Unidos, sendo mais um advento das sociedades globalizadas, que colocam em contato diferentes centros de poder, estabelecem conexões financeiras, militares e culturas, gerando concomitantemente uma homogeneização e certo grau de diversidade, pois criaram frentes e associações com fins específicos a partir de modelos e cada região passou a incorporar as estratégias do movimento às condições locais. Nesse cenário, a comunicação midiática e o fluxo de informações que mantém um discurso hegemônico de potências geograficamente pontuadas, exercem um controle ideológico e cultural que norteiam os movimentos num cenário globalizado. Graças às ações individuais e às campanhas interativas (ações coletivas), os movimentos trazem em seu bojo três tipos de reivindicações: programáticas, identitárias e de posição que variam conforme o movimento e até mesmo dentro do mesmo. Destacamos de suas ponderações a relação entre as forças externas aos movimentos, como o controle geopolítico, e as ações individuais, as quais conferem particularidade aos movimentos conforme o local e grupo, portanto, subjetivas.

Ainda que não tenhamos nos aprofundado, tais abordagens nos servem para mostrarmos sob quais perspectivas os movimentos sociais têm sido pensados a partir de elementos subjetivos, como a relação entre sujeitos, entre o indivíduo e o outro e o coletivo, e vice-versa, noções referentes a uma “psicologia dos movimentos sociais”. Atentemos adiante como os conteúdos acima pontuados se apresentam sob um dos movimentos sociais em destaque na contemporaneidade, o movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Nosso recorte será as paradas do orgulho LGBT de São Paulo e Campinas.

## **PSICOLOGIA DOS MOVIMENTOS E AS PARADAS LGBT**

Silva (2008) ao tratar dos movimentos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais de Portugal, Espanha e Brasil, especificamente a partir das Paradas do Orgulho LGBT de Lisboa, Madri, Barcelona e São Paulo faz uma análise psicopolítica. O autor faz um recorte a partir das dimensões da consciência política proposta Salvador Sandoval (2001), o qual, segundo ele, entende que a consciência política é do indivíduo e não do grupo ou coletivo e que ações coletivas dependem da adesão de um sujeito particular.

Considerando que os movimentos emergem dessa adesão particular na construção da consciência política coletiva, apontamos as influências dos contextos internos e externos que se dão no cotidiano, assim como nos aponta Cantril (1969), de que tais fatores delimitarão o movimento, que é composto tanto pelas subjetividades individuais que o constitui quanto pelos contextos políticos e sociais que os rodeia.

Os disparates de políticos que barram leis em benefícios da população LGBT, as queixas pela homofobia, o discurso religioso fundamentalista, a violência contra homossexuais, tudo isso constitui elementos que subjetivamente trazem significados a cada sujeito em suas experiências, em que cada um escolhe a sua maneira de fazer frente, coletivamente ou individualmente.

Silva (2008) avalia que a consciência política é adquirida mediante confrontos externos, do sujeito para com o Estado ou outros antagonistas, e internos, do indivíduo consigo mesmo, a partir dos elementos externos postos em cena. No caso do movimento LGBT, como nos atesta o autor, identificar esses agentes antagônicos não nos parece uma tarefa árdua. Assim, citamos os fundamentalistas religiosos, como Silas Malafaia; as autoridades políticas, tal qual Jair Bolsonaro; as escolas, quando representam espaços de violência homofóbica, de *bullying*, etc.

O mesmo autor defende que a consciência é construída no cotidiano, semelhante à ideia de Cantril (1969) na abordagem da cristalização de valores.

O cotidiano é o lugar da continuidade ininterrupta, da estabilidade, onde a reflexão não se faz necessária, na qual a redefinição do simbólico não pode acontecer pelo fato de significar o rompimento desse contínuo. Onde crenças e valores sociais tendem à cristalização e a única possibilidade de consciência possível é a Consciência do Senso Comum (SILVA, 2008, p. 406).

Dessa forma o autor nos traz sua concepção da vida cotidiana, a qual é segmentada e heterogênea, sendo o cotidiano onde se constitui o movimento e também a consciência do senso comum. Ou seja, pensar nos movimentos sociais, como o LGBT, nos faz pensar em todas essas consciências que os compreendem, a partir dos sujeitos, que individualmente os produz e constitui.

Certamente, assim se configuram os dissensos que Silva (2008) nos relata, pois há uma multiplicidade de motivações e consciências individuais em xeque e choque nessas ações

coletivas, dimensões psíquicas que interagem com o político. Nesse sentido, o autor supracitado faz sua análise a partir das dimensões da consciência política construídas por Sandoval (2001): Identidade Coletiva; Crenças e Valores Societais; Identificação de Adversários e Sentimentos Antagônicos; Sentimento de Eficácia Política; Sentimento de Justiça e Injustiça; Vontade de Agir coletivamente e Metas de ação coletiva.

Silva (2008) nos relata que a superação de crenças e valores sociais estanques no movimento significa desnaturalizar um conjunto de certezas e concepções rigidamente constituídas. Considera que o sentimento de solidariedade e identificação faz rever posturas quanto à representação em ser cada uma das identidades presentes no movimento em uma sociedade heteronormativa, rompendo com a alienação de valores cristalizados em cada sujeito e na coletividade. Como antagonistas e adversários para o movimento LGBT, pontua algumas instituições como a família, igreja, etc. que normatizam formas de ser e exercem uma pressão social numa sociedade heterossexista. Pondera que a eficácia política é entendida a partir da melhoria na condição de vida dos homossexuais, bem como com a aderência de heterossexuais ao movimento que educarão seus filhos. Quanto ao sentimento de justiça e injustiça o autor fala do reconhecimento individual de não ser o único injustiçado dentro de um movimento/coletivo, algo que fortalece a identidade coletiva e contribui na identificação de adversários. Sobre as metas e ações coletivas aponta o desejo de visibilidade, a conquista de direitos humanos e o sentimento de reconhecimento das pluralidades em ser no movimento. E ainda acrescenta sua compreensão de memória coletiva como oportunidade de ressignificar as memórias dolorosas, sendo *Stonewall* uma mitificação positiva de uma história de dor e opressão e a criminalização da homofobia um ato de justiça social, de reparação e tributo.

Em se tratando de uma análise do contexto político, o autor fala de semelhanças ao comparar os movimentos de São Paulo, Barcelona, Madri e Lisboa, em que todos emergiram num cenário de redemocratização de seus respectivos países e que ganharam força e mobilização através em políticas de saúde e redes de apoio por conta do combate à AIDS, confirmando a afirmação de Tilly (2010) de que os movimentos sociais surgem de contextos políticos determinados, em que os processos interativos, a comunicação e a colaboração facilitam sua adoção por parte de outros contextos relacionados.

O que se fala socialmente também é parte da constituição dos movimentos e da consciência política dos sujeitos. Na análise de Butterman (2012) sobre as abordagens midiáticas acerca da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, encontramos a dialética da invisibilidade na contemporaneidade. Se por um lado estar invisível é menos perigoso em *ser* no mundo, por outro, a invisibilidade poderia talvez extinguir a diferença e promover uma maior intolerância. Permanecer invisível, aponta o autor, pode ser uma resistência no mundo atual, em que as imagens da mídia interferem nos nossos sentidos e cooptam a militância numa estratégia de marketing, aliás, num marketing de identidades, que acaba sendo cada vez mais ausente de sentidos. É ambíguo e contraditório.

A opção por manter-se invisível ou não é uma escolha subjetiva e individual, como observamos em cena, cada um escolhe a opção que mais lhe cabe conforme suas experiências, conforme pondera Cantril (1969) ao falar dos valores que são apropriados ou não pelos sujeitos. E coletivamente também se oficializa algumas escolhas, quando o movimento opta pela visibilidade massiva. E num contexto globalizado, de múltiplas imagens em fluxo, de valorização das performances e de reverências às abordagens midiáticas, as paradas LGBT têm optado, como parte de uma produção social, pela visibilidade, o que confirma a afirmação de Barracho (2011) de que o comportamento político está associado à comunicação de massa.

Ainda que apresentem um público diversificado e específico para cada ação, tanto São Paulo como Campinas, como já mencionado, desenvolvem um conjunto de atividades que contemplam uma variedade de interesses e perfis. E essa multiplicidade de ações se configura no Repertório do movimento social, que Tilly (2010) nos define como um conjunto variável de ações dos movimentos. As paradas em específico se configuram como Campanhas, definida pelo autor como um esforço público, organizado e sustentado para transpassar as autoridades. Já as Demonstrações de WUNC (Valor, Unidade, Número e Compromisso) seguem adiante a partir de entrevistas que consideramos pertinentes estarem no presente artigo.

Em se tratando das reivindicações programáticas, que relacionam o objetivo do movimento e suas propostas reais, expressas em suas pautas, apontamos que as paradas do Orgulho LGBT direcionam ao alcance de direitos por igualdade e ao combate a homofobia. Quanto as identitárias consideramos a afirmação das múltiplas identidades presentes no

movimento LGBT e como elas se comunicam dentro de suas ações, a partir de atividades específicas organizadas/destinadas por cada uma delas, bem como pautas específicas. Sobre as de Posição mencionamos aquelas que se comunicam com outras minorias, como parcerias já realizadas junto ao movimento negro e feminista.

Acrescentamos que desde sua formação as paradas LGBT estiveram associadas ao lazer e ao consumo, primeiramente por ser nos espaços privados, de sociabilidade, que o grupo começou a ganhar força e a criar uma identidade coletiva, como nos aponta França (2007), ao nos relatar que o movimento surge a partir da proliferação do gueto gay, dado que confirma também a posição de Cadarso (2001) ao dizer que os movimentos sociais aproveitaram instituições e formas de sociabilidade já existente.

## **AS PARADAS DO ORGULHO LGBT DE SÃO PAULO E CAMPINAS**

### **SÃO PAULO**

Steven Buttermann (2012) divide a história da Parada de São Paulo em quatro fases cronológicas. A primeira fase, de 1997 a 1999, do surgimento do evento à institucionalização – criação da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo/*APOGLBT* – foi dedicada à conquista da visibilidade, a fim de mostrar os homossexuais como cidadãos produtivos, que pagam impostos e contribuem com todos os setores da sociedade. “Somos muitos e estamos em todas as profissões” foi o tema da II Parada de São Paulo, ocorrida em 1998.

A segunda fase, de 2000 a 2002, consolidou a Parada como parte da agenda anual dos eventos de São Paulo, quando a visibilidade e público equivalem a altas proporções, mudando o discurso por uma libertação para a conquista de direitos. “Educando para a diversidade” foi o *slogan* de 2012.

A terceira fase, de 2003 a 2006, o foco da luta foram os direitos humanos específicos aos cidadãos LGBTs – um olhar para uma minoria dentro de um Estado democrático. A exemplo, em 2005 o tema foi “Parceria civil, já. Direitos iguais! Nem mais, nem menos” e no ano seguinte o *slogan* foi “Homofobia é Crime! Direitos Sexuais são Direitos Humanos”.



E na quarta fase, de 2006 a 2011 (acrescentamos também a essa fase os temas de 2012, "Homofobia tem cura: educação e criminalização" e de 2013 "Para o armário, nunca mais! União e Conscientização contra a homofobia"), as reivindicações centram-se na campanha anti-homofobia.

"Amai-vos uns aos outros: Basta de homofobia!", tema de 2011, fazia referência ao fundamentalismo religioso em relação à construção da homofobia na cultura brasileira. Já o tema de 2013 nos remete o paradoxo da (in)visibilidade vigilante que Butterman nos coloca, em que estar dentro e fora do "armário" diz de um jogo de forças e poder em cena e sob controle.

Silva (2008) discorre sobre o histórico a partir do protesto na Praça Roosevelt, denominado por ele como a "Parada Zero", resultado de esforços entre militantes de grupos como o Etc. & Tal, e o CAEHUSP (Centro Acadêmico de Estudos Homoeróticos da Universidade de São Paulo) que organizaram uma manifestação de caráter sindical. Ao final, houve a intervenção da travesti Silvetty Montilla, a qual por quase todos os anos fora uma das madrinhas condutoras da Parada de São Paulo.

A partir desta manifestação da Praça Roosevelt, pontua o autor, iniciou-se um processo de reuniões que propiciou a primeira Parada LGBT paulistana, sob a coordenação do grupo CORSA – Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor. Em 1997, após IX Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis e o II Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis que trabalhavam com AIDS, e com apoio do sindicato das costureiras e da, então, deputada federal, Marta Suplicy, ocorre a 1ª Parada do orgulho LGBT de São Paulo.

Em 2005, a partir do reconhecimento internacional atingido pelo movimento, tanto pelos governos como pela mídia, a APOGLBT decidiu enfatizar as demais atividades ligadas à manifestação, divulgando o conjunto de ações oficialmente como o "Mês do Orgulho GLBT de São Paulo". Facchini, França e Venturi (2007) pontuam que a parada de São Paulo destaca-se pelo número de participantes entre os eventos do mesmo tipo em âmbito nacional e internacional.

De acordo com um relatório do Observatório de Tendências da São Paulo Turismo (SPTuris)<sup>1</sup>, publicado em 2011, com relação a cadeia produtiva atrelada à Parada do orgulho LGBT, dos 86 estabelecimentos contatados, entre os que responderam, houve um aumento médio entre 20 e 25 % do faturamento, bem como um aumento de 30% em contratação de profissionais naqueles estabelecimentos que responderam se houve contratação por conta do evento. Já em 2008, a São Paulo Turismo<sup>2</sup> estimava a Parada como o segundo evento que mais gera lucro para o município. Quanto ao perfil socioeconômico do público presente no evento de 2011, a instituição supracitada informa, a partir de 1.664 questionários válidos, que 34% são heterossexuais, 49,5% são homossexuais e 15,9% são bissexuais. Aponta também que 4,9% são turistas, sendo que 1,4% são estrangeiros, em destaque aqueles oriundos dos Estados Unidos, Inglaterra, África do Sul e Itália.

O mesmo relatório pontua que o aumento de turistas também ocorre durante outros eventos que a cidade promove, como a Virada Cultural, que atrai um grande número de visitantes LGBT de várias regiões do mundo (Europa, América do Sul, América do Norte) e do Brasil (principalmente dos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais e interior do Estado de São Paulo), o que releva uma inserção da capital paulista num cenário global.

## CAMPINAS

A parada de Campinas teve sua primeira edição em 2001 e, hoje, representa a segunda maior parada do estado de São Paulo, sendo também uma das mais representativas no cenário nacional.

Segundo Reis (2010) o movimento LGBT de Campinas surge na cidade no ápice da emergência da AIDS, momento esse que propiciou o aparecimento de um grupo de discussões, denominado “Expressão” que ganhou visibilidade com o jornal “O Babado”, o qual defendia a permanência das Travestis no Largo do Pará, na região central da cidade, lugar este que historicamente foi local de concentração da parada do município.

---

<sup>1</sup> Pesquisas desenvolvidas pelo Observatório de Tendências da São Paulo Turismo (SPTuris), em parceria com a Coordenadoria de Assuntos da Diversidade Sexual - CADS e a Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo – APOGLBT (2011).

<sup>2</sup> Releases SÃO PAULO TURISMO: Parada GLBT atrai mais de 320 mil turistas para São Paulo e movimenta quase R\$ 190 milhões na economia da cidade. Gerência de Comunicação, 2008.

Relata o autor que um grupo de dissidentes do “Expressão” uniram-se para formar o IDENTIDADE – Grupo de Ação Pela Cidadania Homossexual, que passaria a reivindicar as demandas por direitos humanos de LGBT. Cabe pontuar as proximidades e similitudes vistas nos movimentos de Campinas e São Paulo, certamente por serem contemporâneos e agregarem alguns atores em comum do movimento. Tanto o grupo CORSA (São Paulo) quanto o IDENTIDADE (Campinas) sempre apresentaram a bandeira dos Direitos Humanos em suas premissas de igualdade. Reis (2010) destaca que tal grupo integrou-se a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de Campinas em 1998, quando, em consequência, foi promulgada a Lei Municipal 9.809, a primeira antidiscriminatória do estado de São Paulo. Em 1999, considera o autor, ocorre o I Encontro Paulista de LGBTs, com a proposta da criação de um Fórum Estadual GLTTB e no mesmo ano foi aprovada a Lei Municipal 10.182, instituindo o dia 28 de junho, Dia Municipal do Orgulho Homossexual, no calendário oficial de Campinas. Em 2000, surge o MO.LE.CA – Movimento Lésbico de Campinas, o qual, além de trazer as demandas das lésbicas para cena campineira, entre a terceira e quarta edição da parada de Campinas, passou a compor a comissão de organização.

Em 2001 é implantado o Orçamento participativo em Campinas, através do qual em 2002 dois projetos em prol da cidadania LGBT foram aprovados, o Disque-Defesa-Homossexual, implantado no mesmo ano, e o Centro de Referência GLTTB, pioneiro no país e inaugurado no ano seguinte, em 2003. A partir desta data a parada de Campinas passa a contar com recursos oriundos desse Orçamento Participativo.

Tal evento, como parte dos movimentos, teve sua primeira edição em Campinas em 2001, conforme já mencionado. Segundo Tonocchi (2001), do portal FOLHA ONLINE, o evento foi organizado pelo grupo IDENTIDADE com apoio de sindicatos, vereadores, bares voltados para o público GLS, salões de beleza e saunas.

Desde as primeiras edições da parada do Orgulho LGBT de Campinas estiveram presentes grupos de militância LGBT como o MO.LE.CA, o AOS BRADOS, o IDENTIDADE e o E – JOVEM. Durante alguns anos tais grupos se organizavam em um Fórum LGBT que se dividia em núcleos e subcomissões responsáveis por diversas atividades do mês da diversidade sexual da

cidade de Campinas. Convém mencionar que no decorrer dos anos e especificamente em alguns deles, alguns desses grupos saíram e voltaram a compor o coletivo de âmbito municipal.

Em 2008 organizaram um debate na Praça Bento Quirino com os candidatos para cargos de vereador e prefeito, espaço importante no cenário homossexual de Campinas, haja vista que nesse mesmo lugar, em diversos momentos históricos, houve conflitos entre LGBTs e estabelecimentos comerciais, sendo um deles hoje referência à comunidade – o conhecido bar “Sucão”. No mesmo ano rompe-se o Fórum, por identificarem que as demandas e reivindicações dos diferentes grupos não estavam se comunicando e a Parada de Campinas passa a ser organizada por uma comissão de representantes individuais.

Cabe ressaltar que, assim como em São Paulo, a parada representa uma das atividades desenvolvidas durante o Mês da Diversidade. Campinas, além de realizar a Parada no domingo mais próximo ao dia 28 de junho, organiza atividades como as realizadas em 2012: Manifestação Sáfica, Gincana da Diversidade Sexual, Pedala Bicha, Mostra de Arte LGBT, etc. Sendo que não necessariamente os mesmos eventos se repetem, exceto os mais tradicionais como a parada e a manifestação sáfica.

Em 2009, além de representantes individuais de grupos LGBT, estavam presentes uma representante do Movimento Negro de Campinas e uma representante do Programa de DST/AIDS da Secretaria da Saúde do município.

Estimou-se que nas edições de 2010, “10 anos de luta. Todos juntos pela igualdade social!”, e 2011, “Eu pago meus impostos e quero meus direitos: PCL 122 já!”, cem mil pessoas participaram da manifestação.

Em 2012 formou-se a Associação do Orgulho LGBT de Campinas e a manifestação também teve parte de seu trajeto alterado, saindo do Largo dos Expedicionários, no Centro da cidade, ao invés do Largo do Pará, No mesmo ano foi aprovada uma Lei Municipal que se faz considerar o nome social de travestis e transexuais em documentos. A estimativa de público nesse ano estava entre 120 e 200 mil pessoas, segundo organizadores, aponta o portal G1. De acordo com Bruna Stupiello, do mesmo portal, o evento foi marcado por protestos pela aprovação do

PL122 que criminaliza a homofobia e pela aprovação do Kit Escola Sem Homofobia, além disso, houve a organização de um abaixo assinado por um grupo chamado “Juntos”.

Semelhante a leitura de Buttermann (2012) sobre as Parada LGBT de São Paulo, observamos que as Paradas de Campinas também tiveram suas fases. Na primeira fase (de 2001 a 2005) bradavam pelo direito à diferença, “Educando para a Diversidade” (2002). A segunda fase (de 2006 a 2008) caracterizou-se pela luta contra a homofobia “Você também é alvo da violência. Homofobia mata” (2008) e na terceira fase (de 2009 a 2012) os apelos foram para igualdade de direitos “Eu pago meus impostos e quero meus direitos: PCL 122 já!” (2011).

O breve histórico das paradas de São Paulo e Campinas nos é útil como base para entendermos como aspectos subjetivos e individuais foram registrados na história de cada movimento. Notemos, assim, como isso tem se observado em cena.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foram entrevistados 6 jovens (3 meninos e 3 meninas), participantes das paradas LGBT de Campinas e São Paulo de 2008 e 2009 e 6 organizadores, (5 homens e 1 mulher), em 2009, sendo 3 da cidade de São Paulo e 3 de Campinas. Todas as entrevistas foram semi-estruturadas.

TABELA 1- PERFIL DOS JOVENS ENTREVISTADOS PARTICIPANTES DAS PARADAS LGBT

	<b>IDADE</b>	<b>SEXO</b>	<b>SEXUALIDADE AUTO-TRIBUÍDA</b>	<b>PARADA QUE PARTICIPOU</b>	<b>ONDE RESIDE</b>
<b>1</b>	19 anos	Masculino	Gay	Campinas	Valinhos
<b>2</b>	25 anos	Feminino	Lésbica	Campinas	Hortolândia
<b>3</b>	23 anos	Masculino	Gay	Campinas	Salto
<b>4</b>	25 anos	Feminino	Lésbica	São Paulo	São Paulo
<b>5</b>	26 anos	Masculino	Gay	São Paulo	Minas Gerais
<b>6</b>	18 anos	Feminino	Bissexual	Campinas/São Paulo	Hortolândia

TABELA 2 - PERFIL DOS ENTREVISTADOS ORGANIZADORES DAS PARADAS LGBT

	<b>IDADE</b>	<b>SEXO</b>	<b>SEXUALIDADE AUTO-TRIBUÍDA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>INSTITUIÇÃO QUE REPRESENTA</b>
<b>1</b>	37 anos	Masculino	Gay	Campinas	ONG de jovens LGBT
<b>2</b>	45 anos	Masculino	Homossexual	São Paulo	ONG de LGBT
<b>3</b>	29 anos	Masculino	Gay	Campinas	Casa noturna
<b>4</b>	44 anos	Feminino	Lésbica	Campinas	ONG de Lésbicas
<b>5</b>	32 anos	Masculino	Gay	São Paulo	ONG de LGBT
<b>6</b>	59 anos	Masculino	Homossexual	São Paulo	ONG de LGBT

As primeiras entrevistas foram realizadas durante a 12ª parada do orgulho LGBT de São Paulo, evento esse ocorrido no dia 28 de maio de 2008 na Avenida Paulista. Dez jovens participantes do evento foram entrevistados. Os próximos entrevistados foram três jovens participantes da 8ª parada LGBT de Campinas, realizada no dia 29 de junho de 2008 e posteriormente mais dois jovens de Campinas fora do evento. Cabe pontuar que dentre as 15 entrevistas realizadas com jovens participantes, apenas seis entrevistas foram analisadas. Em seguida foram realizadas as entrevistas com os organizadores das paradas, começando por Campinas. Sendo dois militantes de ONGs distintas e um militante proprietário de uma casa noturna. Em São Paulo foram entrevistados dois sócio-fundadores da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo – APOGLBT e um membro participante da gestão à época, em 2008. Deste ano até 2012 fomos a campo em todas as edições em ambas as cidades e participamos de algumas reuniões de organização.

Para aferirmos os dados optamos pela análise de discurso, através da qual fizemos um mapa de associação de ideias. Tais mapas, de acordo com Spink e Lima (1999), sistematizam e organizam o processo de análise das práticas discursivas, conferindo subsídios à interpretação dos sentidos e significados expostos nas entrevistas. A interpretação dos mapas de associação de ideias, organizada em quatro passos: 1) leitura do todo; 2) categorização temática; 3) descrição

das unidades temáticas e 4) síntese, foi constituída no confronto com a literatura consultada sobre o tema do presente artigo.

## **DISCUSSÕES A PARTIR DE ENTREVISTAS REALIZADAS ENTRE 2008-2009**

Para os entrevistados, as paradas LGBT se configuram como espaços de lazer, de encontro, que não são neutros, também criam significados. Segundo eles, vão às paradas porque gostam e acreditam ser uma forma de mostrar o universo LGBT, pois são espaços diferentes do cotidiano. É um momento no qual se identificam e se sentem à vontade.

*Aqui eu estou me assumindo, eu to com um pouco de medo. Eu sei que tem gente do meu trabalho aqui, tem muita gente do meu trabalho aqui. Pra mim, é pra assumir minha sexualidade, sabe? Minha família não sabe, mas eu assumo em outras cidades que eu sou lésbica. (informação verbal)<sup>3</sup>*

Notemos como as paradas podem representar uma ruptura no cotidiano, quando valores cristalizados são questionados e instituições como a família e o trabalho são significadas em paralelo a manifestação da sexualidade. Estar em outro lugar que foge ao cotidiano também pode ser uma forma de resistir aquilo que oprime, questionando o senso comum, como fala Silva (2008). Vejamos nas falas abaixo como o lúdico pode auxiliar na ressignificação de lembranças dolorosas que o autor nos apresenta.

*É um ponto de encontro de gays, principalmente jovens. Esse encontro de com festa, alegre, colorido, também é bonito, por que mostra que ser gay é legal, mostra a vida política do gay. (informação verbal)<sup>4</sup>*

Sobre sua motivação de ir à parada, um participante relata: “*Além da festa, lógico, para quebrar tabu*”. (C. R., 26 anos, participante, 2008). Outro entrevistado acrescenta que é preciso ser um espaço de lazer bem aproveitado, “*É importante que seja um espaço de lazer, agora, é importante que seja um espaço de lazer bem aproveitado e bem usado*”. (R. B., 32 anos, organizador(a), 2009).

Quebram-se tabus, mostra que ser homossexual é legal e revela que é possível uma organização – um movimento - de forma diferente. Pensamos assim nas diversas formas de

<sup>3</sup> Relato da entrevistada J. P. 25 anos, participante, 2008.

<sup>4</sup> Relato da entrevistada D. R. 37 anos, organizadora, 2009.

movimento que Cadarso (2001) nos apresenta. Ser bem organizado e ser um espaço bem aproveitado também nos remete as preocupações com as Demonstrações de WUNC (Valor, Unidade, Número e Compromisso) que o movimento pretende mostrar à sociedade.

Os entrevistados consideram que as paradas promovem transformações individuais que refletem na sociedade.

*[...] porque individualmente acontecem coisas lá dentro, então as pessoas acabam se transformando e isso reflete na convivência do grupo familiar, escola. Então, forma-se aquela nuvem que demora um tempo pra assentar, e fazer um novo arranjo depois. (informação verbal)<sup>5</sup>*

Ainda assim, muitas vezes tais manifestações não são reconhecidas como um movimento político por uma parte da população, que a contesta e critica através de uma ideologia dominante, confirmando as consequências psicossociais, político-sociais e ideológico-culturais, apontadas por Cadarso (2001), que os movimentos promovem nos indivíduos em cena. Cada qual a entenderá sob sua leitura.

*[...] a parada por ser aquela coisa contestadora da ideologia vigente, que é a ideologia dominante das elites aqui do país, a parada contesta isso. Então não interessa pra elite que exista a parada. O que interessa pra elite é desqualificar a parada. E o gay da elite também é da elite, então sofre essa ideologia, que é passada pra todo mundo pela mídia e tal. (informação verbal)<sup>6</sup>*

Se por um lado notamos que o movimento pode representar um agente contestador da ideologia vigente, por outro, pode utilizar dos aparatos de um sistema para se estruturar. E foi através dos recursos captados do Estado e da iniciativa privada que criaram as marcas e símbolos das paradas. Observemos a dimensão tática do movimento, elemento analítico que Cadarso (2001) nos fala.

*[...] ele mesmo tinha toda uma estrutura de planejamento, de procurar as casas noturnas, que foram nossos primeiros financiadores, eram as casas noturnas gays. (...) as casas noturnas foram os grandes apoiadores, eles investiram na parada, pagavam para a funcionalidade da parada. (informação verbal)<sup>7</sup>*

---

<sup>5</sup> Relato da entrevistada M. A. 44 anos, organizador(a), 2009.

<sup>6</sup> Relato da entrevistada D. R. 37 anos, organizador(a), 2009.

<sup>7</sup> Relato da entrevistada I. B. 45 anos, organizador(a), 2009.



Para os entrevistados, ambas as manifestações nas ruas têm uma participação mais popular, pois são locais públicos e de livre acesso. Ainda assim, a juventude, oriunda de outras localidades, é grande parte do público da parada, só não usufrui dos equipamentos de turismo, os quais requerem um poder de consumo.

Contudo, ainda que os entrevistados julguem o público das paradas compostos, sobretudo, por jovens, ponderam que não são eles que estão na liderança. O que nos faz pensar em aspectos como a capacidade organizativa e liderança para mobilização que Cadarso (2001) nos relata, pois a forma como o movimento enxerga e constitui sua liderança e se articula a fim de atingir suas pautas compreende o perfil do público que almejam para tanto. Obviamente, o movimento enquanto parte da sociedade, será influenciado pelos contextos sociais, como Cantril (1969) nos aponta, dessa forma, os valores cristalizados e as referências associadas à juventude irão inferir na configuração da organização das paradas, assim como outros significados e sentidos compartilhados socialmente no cotidiano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A formação da consciência política e a consciência do senso comum nos remetem como o contexto social se estabelece para os sujeitos e em suas subjetividades. Tais consciências se expressam através de valores que são cristalizados socialmente. As paradas do Orgulho LGBT são constituídas a partir de diversos contextos e por indivíduos que, coletivamente, trazem suas escolhas e opções políticas individualmente frente a esses contextos externos. Os sentidos que os sujeitos trazem de si, bem como os significados veiculados nas mídias de massa vão influenciar a relação dos sujeitos com as ações e meta coletivas presentes no movimento.

Assim, ambas as paradas do orgulho LGBT, de São Paulo e Campinas, trazem em seu bojo a constituição atitudes mentais e mentalidades coletivas que são produzidas por subjetividades inclusas no movimento, as quais certamente contestam o aparato normativo vigente.

Em contrapartida, os coletivos, os grupos de militância, os movimentos como um todo, a partir da diversidade de identidades que os compreendem, da dimensão tática, das atividades

constituem seu repertório e de suas reivindicações trazem consequências psicossociais, político-sociais e subjetivas para cada sujeito.

## REFERÊNCIAS

BARRACHO, Carlos. **Psicologia política**. Lisboa: Escolar Editora, 2011.

BUTTERMAN, Steven. **Invisibilidade vigilante**: representações midiáticas da maior parada gay do planeta. São Paulo: nVersos, 2012.

CADARSO, Pedro Luis Lorenzo. **Fundamentos teóricos del conflicto social**. Madrid: Editores, 2001.

CANTRIL, Hadley. **Psicologia de los movimientos sociales**. Madrid: Euramérica, 1969.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; VENTURI, Gustavo. **Sexualidade, cidadania e homofobia**: Pesquisa 10ª Parada do orgulho GLBT de São Paulo, 2006. São Paulo: APOGLBT, 2007.

FRANCA, Isadora Lins. Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, RS, v. 13, n. 28, p. 289-311, jul./dez. 2007.

OBSERVATÓRIO de Tendências da São Paulo Turismo. Evento LGBT, 2011. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.abratgls.com.br/wp-content/uploads/2012/01/relatorio-parada-glb2011.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

REIS, Paulo dos Santos. Tensões e desafios: LGBTs e o poder público? **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, SP, p. 147-164, 2010.

SANDOVAL, Salvador A. M. The Crisis of the Brazilian Labor Movement and the Emergence of Alternative Forms of Working-Class Contention in the 1990s. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, 2001.

SILVA, Alessandro Soares. **Luta, resistência e cidadania**: uma análise psicopolítica dos movimentos e paradas do orgulho LGBT. Curitiba: Juruá, 2008. v. 1.

SPINK, Mary Jane; LIMA, Helena. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos de interpretação. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 93-122.

SPTURIS. Releases São Paulo Turismo: Parada GLBT atrai mais de 320 mil turistas para São Paulo e movimentou quase R\$ 190 milhões na economia da cidade. Gerência de Comunicação, 2008. Disponível em: <<http://imprensa.spturis.com/imprensa/releases/pdf/parada-glb2008.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

STUPPIELLO, Bruna. **Parada LGBT reúne milhares na região central de Campinas**. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2012/07/parada-lgbt-reune-milhares-na-regiao-central-de-campinas.html>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

TILLY, Charles; WOOD, Lesley J. **Los movimientos sociales, 1768-2008:** desde sus orígenes a Facebook. 2. ed. Barcelona: Crítica, 2010.

TONOCCHI, Mário. Campinas prepara sua primeira Parada do Orgulho GLBT. 2001 Folha Online. <Disponível em: <http://www1.folha.uol.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u140.shtml>> Acesso em: 29 jun. de 2012.